



Análise do discurso negacionista no combate a COVID-19 no Brasil

Diego Ricardo de Assunção Velho¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo realizar uma análise de ações e discursos do governo do então presidente Jair Bolsonaro no início da pandemia em 2020 a respeito das medidas de prevenção e do isolamento social como forma de diminuição do contágio causado pela Covid-19 principalmente no Brasil. Realizei uma sistematização de determinadas postagens do presidente em redes sociais como o Twitter, bem como uma análise de entrevistas via mídia tradicional e matérias de site de mídias alternativas, algumas podem não constar mais em rede. Efetuou-se um levantamento bibliográfico em torno dos temas Covid-19, redes sociais virtuais e notícias falsas, as chamadas *Fake News*.

Palavras-Chave: Covid-19. Fake News. Redes sociais. Sociologia.

Analysis of negationist discourse in combating COVID-19 in Brazil

Abstract: This article aims to carry out an analysis of actions and speeches of the government of then President Jair Bolsonaro at the beginning of the pandemic in 2020 regarding prevention measures and social isolation as a way of reducing the contagion caused by Covid-19, mainly in Brazil. I carried out a systematization of certain posts by the president on social networks such as Twitter, as well as an analysis of interviews via traditional media and articles from alternative media sites, some of which may no longer appear on the network. A bibliographic survey was carried out around Covid-19 themes, virtual social networks and fake news, the so-called Fake News.

Keywords: Covid-19. Fake news. Social networks. Sociology.

¹ Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; mestre em Ciências Sociais e Historiador também pela UFRRJ; pesquisador com ênfase em movimentos sociais e história do tempo presente; consultor de diversidade e inclusão. Orcid: 0000-0001-8739-4089. E-mail: diego.velho@outlook.com.



1. Introdução

Uma das principais notícias que tem tido grande destaque nos meios de comunicação de modo geral e nas redes sociais virtuais se trata do combate e do acentuado crescimento dos casos de Covid-19 no Brasil e no mundo. Segundo dados da Organização Pan Americana de Saúde (OPAS, 2020) o Coronavírus faz parte de uma grande família de vírus que podem causar desde um resfriado comum até doenças mais graves, como a Síndrome Respiratória do Oriente Médio (MERS) e a Síndrome Aguda Grave (SARS).

O que se sabe sobre o novo Coronavírus é que ele pode circular em uma variedade de animais, porém ainda não se conhece o reservatório animal da nova Covid-19, apesar das especulações que inicialmente indicavam que o vírus teria vindo das serpentes e a posteriori dos morcegos e do pangolim (PERROTA, 2019). O surto inicial surgiu em Wuhan na China ainda no final do ano de 2019, onde na sequência foram implementadas políticas de controle e combate à doença. Apesar dos esforços de redução no número de mortos e contágios, milhares de pessoas vieram à óbito. Segundo dados da *University Johns Hopkins* (2020), em 12 de maio de 2020 o número de mortes globais chegou a 288.368 mil.

Sabe-se que a forma de diagnóstico para a Covid-19 se dá através da realização de um exame de sangue chamado RT - PCR (*reverse-transcriptase polymerase chain reaction*), porém não são todos os indivíduos com suspeita que realizam esse exame para confirmação ou descarte, ao menos no que tange muitos países. Como formas de prevenção se destacam, entre outras, o distanciamento social², adotado por diversas partes do globo de forma mais tardia, ou seja, quando já existia um forte números de infectados e mortes, inclusive um grande colapso no sistema de saúde, caso mais emblemático da Itália e, na sequência, EUA. E em países como o Brasil, que adotou de uma forma mais imediata tal medida, mas que é diariamente contrariada e pressionada pelo seu fim por parte do presidente Jair Bolsonaro.

A postura negacionista do presidente do Brasil em meio a pandemia de Covid-19 no mundo vai na contramão de recomendações de órgãos sanitários e de saúde do Brasil e internacionais, no caminho inverso do que o próprio ministério da saúde brasileiro vem pregando e trabalhando. A comunicação empregada pelo então presidente se coloca como uma de risco, tendo em vista que em suas redes sociais virtuais por mais de uma vez o representante do poder executivo não apenas demonstrou-se apoiador de manifestações contra o distanciamento social, como participou pessoalmente de algumas e as incentivou ao postar vídeos de passeios nos arredores de Brasília, nos

² Opta-se por usar o termo distanciamento social por entender que durante esse período de pandemia estamos distantes das relações sociais cotidianas de nossas redes sociais não virtuais e como forma de contrapor uma possibilidade de isolamento social, no qual os indivíduos não se comunicariam e não manteriam relações de proximidades mesmo que nos ambientes virtuais, como temos presenciado na atualidade em que as redes sociais virtuais e a internet são usadas para aproximar pessoas.



quais o mesmo cometia uma série de infrações contra todas as recomendações de órgãos de saúde do mundo, se colocando como um dos principais e mais representativos instrumentos de negação do surto de Covid-19 no Brasil.

As declarações que comprovam essa afirmativa empregada no parágrafo anterior podem ser observadas através das falas do presidente Bolsonaro em pronunciamentos à imprensa, a qual tem sido alvo de ataques desde o início de seu mandato, e em suas redes sociais virtuais onde se dirige diretamente ao seus apoiadores e simpatizantes, gerando uma rede de reafirmação para tudo o que é escrito ou falado por Bolsonaro e invalidando qualquer notícia ou opinião contrária as suas, mesmo no caso da pandemia, com um número crescente de mortes e infectados.

Para os que acompanham a trajetória política e as falas públicas de Bolsonaro, não é de tamanho espanto que o mesmo continue usando de tal postura, tendo em vista que mesmo durante a campanha eleitoral de 2018, na época candidato à presidência, por vezes se dirigiu com desprezo aos veículos de imprensa de forma geral, se mostrando autoritário e com um despreparo para ocupar uma cadeira tão importante da política nacional.

O que talvez chame a atenção e que devemos nos debruçar com cautela seja a lógica bolsonarista na manutenção de apoiadores, tão incrédulos em “tudo o que está aí”, que não se importam de ir na contra mão de cientistas, estadistas e tristes estatísticas de morte no mundo todo, para se apoiarem na fala de seu líder e salvador máximo, representado pelo presidente Jair Bolsonaro.

As redes sociais virtuais e a internet, nesse cenário, aparecem como fortes aliados dessas políticas, que parecem usar esses meios para propagar notícias e ideias aos que pensam da mesma forma, para que assim possam ter um certo número de seguidores. Dessa forma, não se questiona quais políticas estão sendo tomadas pelo presidente a fim de mensurar os números entre distanciamento social e a Covid-19 e se fala em retorno das atividades econômicas para que não haja “morte de CNPJ”, mas não se coloca um plano de estratégias para que a população e principalmente os mais vulneráveis retornem com segurança as suas atividades.

2. Discurso, notícias e compartilhamentos

Em dezembro de 2019 os olhos do mundo se voltaram para a China, em especial para a cidade de Wuhan, localizada na província de Hubei, onde vários casos de pneumonia e doenças respiratórias passaram a ser noticiados. Ainda não existia uma nomenclatura específica para o que parecia ser uma nova doença e, com isso, a Organização Mundial da Saúde (OMS) passou a monitorar a situação local com preocupação. Apenas em 11 de fevereiro de 2020 a OMS nomeia o novo Coronavírus como COVID-19. O aumento no número de casos e a rápida transmissão da Covid-19 passou a ser comparada



com outras doenças semelhantes:

A taxa de letalidade pelo COVID-19 foi estimada em torno de 0,5 a 4%. Essa taxa de letalidade é semelhante à da gripe espanhola (2 a 3%) e muito mais elevada do que a da influenza A H1N1 (0,02%) ou da gripe sazonal (0,1%). Entretanto, 80,9% dos casos da doença são leves. (SILVA, 2020, p.1).

A partir de 30 de janeiro de 2020 a OMS declarou que o surto do novo Coronavírus se tratava de uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) (OPAS, 2020). Essa declaração tinha como intuito criar uma rede de combate e solidariedade global para barrar a disseminação do vírus. Em outras palavras, trata-se de um esforço unificado entre diversos países para conter a Covid-19, impedindo sua expansão para mais territórios. Estima-se que, nesse momento, já existia casos confirmados da doença em pelo menos 23 países.

O mundo segue em uma linha crescente de casos atualmente. No Brasil, o primeiro caso ocorreu em 25 de fevereiro de 2020. Se tratava de um homem de São Paulo vindo de uma viagem da Itália, país que apresentava um grande número de infectados à época (ITÁLIA..., 2020). Em 28 de fevereiro o Brasil já possuía cerca 182 casos suspeitos em 6 estados (AAA, 2020). Diante da maior festa popular brasileira, o carnaval, as notícias e medidas para contenção do vírus ainda não tinham sido tomadas, postura que mudaria drasticamente a partir de meados de março com o número de casos se elevando. Os estados e municípios, então, começam a decretar medidas de distanciamento social e restrições, na tentativa de barrar o avanço da curva de contágio em seus territórios.

Tais medidas foram criticadas por outros entes federativos, em especial pelo próprio poder executivo federal, que caracterizava essas medidas como exageradas e autoritárias, podendo prejudicar o funcionamento da economia e da produção do país. Fica claro quando observamos os discursos iniciais do presidente Bolsonaro a sua preocupação em minimizar a crise e não causar um certo tipo de temor na população. É óbvio, contudo, que tal medida de acalmar a população deve ser realizada tendo como base um conjunto de ações para proteger essa população.

Ao chamar a atenção para a proteção dos empregos, sejam formais ou informais, com uma clara preocupação de manter a economia em pleno funcionamento, podemos observar que a preocupação econômica se sobrepõe à preocupação pela vida. O que nos faz pensar no alinhamento entre proteção ao emprego e renda se sobrepondo à saúde dos trabalhadores. Essa reflexão é necessária tendo em vista que, no início da pandemia, um dos primeiros casos de morte no Brasil decorre no exercício do trabalho e com um claro recorte de classe e falta de preocupação com a contaminação dos trabalhadores mais vulneráveis.



A preservação da saúde desses grupos essenciais, e de outros que se mantêm trabalhando por circunstâncias socioeconômicas, é fundamental para controlar a disseminação da doença e para a manutenção das pessoas em isolamento, confinamento ou quarentena, assim como para atuação do próprio serviço de saúde e demais atividades essenciais. [...]. Toda atividade de trabalho e todo trabalhador tem de ser considerado, e preparado, não apenas para a sua proteção, mas também para entender que sua atividade pode ter um papel importante ao combate à epidemia. A exemplo de medidas adotadas em outros países, uma ação coordenada com esse propósito poderia ser uma estratégia importante, como o devido treinamento de equipes de Saúde da Família do Sistema Único de Saúde que, se ampliadas, ainda têm como vantagem adicional o combate ao desemprego. Comissões internas de prevenção de acidentes (CIPA) ou trabalhadores especialmente designados também podem ser preparados para a atuação na prevenção da exposição ao vírus dentro das organizações. (JACKSON FILHO *et al*, 2020, p.2).

Como podemos ver, existem estratégias conjuntas de manutenção de empregos e combate ao Coronavírus, que devem ser empregadas levando em consideração o campo do trabalho como um todo, e que devem ser consideradas estratégias de combate e prevenção, principalmente nas atividades tidas como operacionais e auxiliares, que em muitos casos não estão sujeitas a trabalhos remotos. Dessa forma, não se protege empregos retirando direito dos trabalhadores, como bem propôs em uma das primeiras medidas o presidente Bolsonaro com a MP 927³ que garantia a suspensão do contrato de trabalho por até 4 meses sem que o empregador necessitasse pagar o salário ao empregado. Após grande repercussão negativa na mídia e nas redes sociais o presidente revoga o artigo 18^o que garantia essa suspensão (BOLSONARO..., 2020).

Observamos, portanto, um paradoxo nas falas de preocupação expostas pelo presidente e seu real desejo de proteção da classe trabalhadora. Fica evidente a quem esse artigo visava proteger, e aí cabe à vontade por parte da presidência da república em manter o Brasil em movimento, sem muito se importar quanto isso custe para alguns brasileiros.

A desinformação aliada a uma chuva de notícias falsas, as chamadas *Fake News*, ocupam um papel de destaque durante toda a pandemia. Podemos observar que o Ministério da Saúde, por meio de sua equipe, adotou de imediato uma campanha de informação sobre a doença, através de entrevistas diárias, criação de aplicativos como o Coronavírus-SUS e repasse de informações à imprensa, a fim de informar a população sobre medidas e ações tomadas no combate à covid-19.

A orientação do MS para a população tem sido clara, desde o princípio, no sentido de reforçar a importância das medidas

³ Medida Provisória 927 que trazia no artigo 18 a suspensão do contrato de trabalho por 4 meses sem salário (BRASIL, 2020).



de prevenção da transmissão do Coronavírus, que incluem: (i) a lavagem das mãos com água e sabão ou a sua higienização com álcool; (ii) a 'etiqueta respiratória', que consiste em cobrir o nariz e a boca ao espirrar ou tossir; (iii) o distanciamento social; (iv) o não compartilhamento de objetos de uso pessoal, como copos e talheres; e (v) o hábito de se manter a ventilação nos ambientes. A partir de abril de 2020 o MS passou a orientar a população para o uso de máscaras de pano, para atuarem como barreira à propagação do SARS-coV -2. (OLIVEIRA et al, 2020, p.2).

Como podemos ver, as orientações do Ministério da Saúde vão na direção das recomendações feitas em outros países ao redor do mundo. De todas as medidas acima citadas, a que sofreu mais oposição por parte do presidente Bolsonaro e, como consequência, recebeu o apoio de parte dos seus apoiadores foi o distanciamento social. Dessa forma, os órgãos de saúde no Brasil precisaram enfrentar, além do vírus, a desinformação e o descrédito na ciência, impulsionados seja por Fake News ou por declarações do presidente da república que vão na contra mão dessas recomendações.

As redes sociais são compostas por pessoas ou organizações, conectadas por um ou vários tipos de relações, e possuem valores, ideias e objetivos em comum, se diferenciando das redes sociais virtuais apenas no funcionamento e no modo de interação. A globalização e o surgimento de novos meios de comunicação, como a internet, fizeram com que novas formas de mobilizações sociais surgissem, criando um questionamento a respeito das redes sociais e sua influência nos movimentos sociais. (VELHO, 2018, p. 80).

A participação da população na brasileira na internet começou de forma tímida em 1990. Hoje o Brasil ocupa o terceiro lugar entre os países em que a população passa mais tempo conectada às mídias sociais, segundo levantamento da *We Are Social* (2020). Isso nos ajuda a compreender como as notícias falsas vêm cada vez mais ganhando relevância no cenário social brasileiro. Percebemos, também, que as pessoas tendem a se agrupar nas redes virtuais com outras pessoas que compartilham dos mesmos valores, objetivos e ideias, ou seja, são atraídos para o que se parece mais consigo mesmo, criando assim uma "bolha" de compartilhamento na qual qualquer notícia ou ideia contrária as suas são rechaçadas e até mesmo retiradas desses espaços.

Esse comportamento ajuda na percepção de como as Fake News ganham uma dimensão enorme de compartilhamento através desses espaços digitais. Segundo um estudo feito pela Ipsos (2019), intitulado *Perigos da Percepção 2018*, o Brasil ocupa o segundo lugar no ranking entre 37 países que mais desconhecem sua própria realidade. Isso significa dizer que as pessoas superestimam aspectos como economia, saúde, desemprego e outros. De acordo com a *Forbes* (2020) o Brasil ocupa ainda o terceiro lugar entre os países que mais consomem notícias falsas.

Esses dados nos ajudam a compreender como, em meio a uma pandemia,



o presidente da república se baseia em falas anticientíficas para minimizar e até mesmo negar a importância de um vírus com alto grau de letalidade amparado em um discurso que compara a covid-19 a uma “gripezinha” e chama as medidas de distanciamento social, propostas por estados e municípios, de “histeria”. O presidente faz forte crítica à forma como a imprensa acompanha os casos da doença, chegando a responsabilizá-la por “levar o pânico para as pessoas”.

Nesse contexto as *Fakes News* ganham bastante força, pois tendem a se igualar ao discurso colocado por alguns grupos, como forma de criar uma narrativa que não apenas apoie determinadas falas, mas que invalide os discursos opostos, não importando os fatos e dados que comprovem o contrário e a veracidade das notícias. Dessa forma “a *Fake News*, assim, não se trata apenas de uma informação pela metade ou mal apurada, mas de uma informação falsa intencionalmente divulgada, para atingir interesses de indivíduos ou grupos.” (RECUERO; GRUZD, 2019, p.32).

Em um cenário polarizado como o que estamos vivendo, no qual constantemente as narrativas estão em disputa, não é surpresa que Bolsonaro mantenha sua lógica de interação com seu eleitorado, através das mídias digitais, em especial o *Twitter* e *Facebook*, onde o presidente pode reforçar sua narrativa sem precisar confrontar opiniões divergentes das suas.

No governo, o presidente manteve essa lógica de governar. Tudo que ele tenta em termos de política pública é barrado ou severamente transformado pela ação do poder judiciário ou legislativo. Só que esse movimento institucional padrão do liberalismo é usado por Bolsonaro para alimentar sua base mais radical contra o ‘sistema’. Assim, ele mantém cerca de 1/3 do eleitorado coeso ao seu lado. Esse modo de agir foi analisado por Tatiana Roque a partir da noção de negacionismo como forma de governo. Já Marcos Nobre fala em governo de minoria. (MEDEIROS, 2020, texto eletrônico).

Esse negacionismo não se restringe ao Coronavírus, mas a tudo o que vá contra a lógica bolsonarista. No caso da Covid-19, ao mesmo tempo que se propaga um discurso de negação do impacto dessa doença na sociedade, observamos uma “preocupação” em não se infectar ao defender o uso de medicamentos sem comprovação científica de eficiência no tratamento da Covid-19, como é o caso da cloroquina.

A minoria para a qual o presidente dirige seu discurso nas redes sociais virtuais pode ser vista em manifestações pró-Bolsonaro e contra as instituições democráticas como o próprio Supremo Tribunal Federal (STF), sugerindo e às vezes exigindo a volta do regime militar, bem como o fim das políticas de distanciamento social e o retorno das atividades econômicas de forma ampla. Mesmo que sejam grupos pequenos de manifestantes, esses participantes conseguem fazer um certo barulho e incômodo nas ruas, o que acaba ganhando força com a presença do presidente da república nessas manifestações.



Durante uma *Live* no *Facebook* no dia 27 de fevereiro de 2020, algumas falas de Bolsonaro chamam a atenção para o descrédito e o desprezo com que ele se dirige à imprensa. Em suas palavras, “a imprensa tem como regra a mentira” e “não podemos nos envenenar com essa mídia podre que tá aí”, além de informar que participou de uma reunião com empresários em São Paulo e pediu para que eles não gastem dinheiro com a grande mídia, em especial a Folha de São Paulo e o grupo Globo, os quais, nas palavras de Bolsonaro, “trabalham contra o Brasil e contra o governo”. Essas afirmações ajudam-nos a compreender o aumento de agressões a profissionais da imprensa durante a cobertura desses atos.

O vídeo possui pouco mais de 34 minutos e faz parte da comunicação que o presidente mantém com seus aliados às quintas-feiras. Dentre outras coisas, foram pautadas o adiamento das manifestações que seus apoiadores estavam organizando para o dia 15 de março, com apoio do presidente, em razão de preocupações ligadas a aglomerações que poderiam causar. Contudo, o presidente compara esses atos a trens e metrô lotados em horários de grande fluxo em que trabalhadores são submetidos a situações precárias de locomoção na ida e volta ao trabalho com pessoas que estariam ali por livre vontade apesar das recomendações sanitárias de distanciamento social.

3. Bolsonarismo em tempos de pandemia

Todo mundo está disposto a mudar o mundo, mas ninguém pensa em mudar a si mesmo.
Tolstói

Não parece fazer parte da lógica de Bolsonaro uma avaliação de suas próprias ideologias e pensamentos não republicanos. A mudança colocada pelas palavras acima nada tem a ver com as constantes mudanças de posição no que se relaciona a má gestão pública imposta por esse (des) governo, seja no que tangencia a necessidade de Bolsonaro de se reafirmar presidente quase que diariamente, impondo através de medidas autoritárias suas vontades, seja retirando de pastas importantes pessoas que usam do conhecimento técnico para tomar as decisões mesmo que em desagrado ao presidente, seja fazendo declarações impróprias e apoiando atos de manifestações antidemocráticos, que diga-se de passagem já seria grave em qualquer outro momento, mas em meio a uma pandemia se torna inadmissível esse tipo de atitude vinda do presidente da república.

Ora, se o que levou Bolsonaro a ganhar as eleições de 2018, além do sentimento antipetista, foi seu discurso de contra tudo isso que está aí, contra as trocas de favores com o centrão e contra as indicações políticas em detrimento das técnicas, por que Bolsonaro se sente tão incomodado e ameaçado pela ciência e pelos técnicos indicados por ele? Talvez essa resposta



esteja justamente no fato de que Bolsonaro, mesmo ao tentar se desvencilhar de tudo o que está aí, ele mesmo é fruto dessa politicagem do toma lá dá cá, lembrando aqui que durante 28 anos de vida pública nada fez pelos mais pobres e pela classe trabalhadora desse país, que enalteceu torturador, discursou contra negros, mulheres e LGBTQIA+. Dessa forma, o bolsonarismo se personifica em uma figura que simboliza não apenas os sentimentos preconceituosos de parte da sociedade brasileira, mas o ódio a tudo o que pode ir contra as suas convicções de mundo e realidade.

Enfrentar um problema dessa dimensão exige de qualquer governo uma resposta majoritária, que unifique a sociedade e mobilize as instituições para minimizar os custos sociais e econômicos. Só que Bolsonaro é incapaz de fazer isso, como suas ações vem demonstrando. Ele segue bancando sua aposta contra o Coronavírus a despeito de todas as evidências científicas e de todos os governos nacionais estão fazendo, inclusive a extrema-direita aos quais Bolsonaro é aliado. (MEDEIROS, 2020, texto eletrônico).

No dia em que o Brasil atinge o número de 200 casos confirmados para covid-19, o presidente fura a quarentena para participar das manifestações informadas acima, ato esse que marca o início de uma série de infrações praticadas pelo presidente ao longo dessa pandemia. Atitudes como essa foram duramente criticadas por membros do parlamento brasileiro e por autoridades e ativistas internacionais.

Ao analisarmos as publicações feitas no *Twitter* de Bolsonaro entre os dias 25 de fevereiro e 25 de março percebemos que ao menos 8 postagens falam diretamente a respeito da covid-19, com destaque para as do dia 25 de março, como se vê abaixo.

38 milhões de autônomos já foram atingidos. Se as empresas não produzirem não pagarão salários. Se a economia colapsar os servidores também não receberão. Devemos abrir o comércio e tudo fazer para preservar a saúde dos idosos e portadores de comorbidades. Não queremos descaso com a questão da Covid-19. Apenas buscamos a dose adequada para combater esse mal sem causar um ainda maior. Se todos colaborarem, poderemos cuidar e proteger os idosos e demais grupos de risco, manter os cuidados diários de prevenção e o país funcionando. (BOLSONARO, 2020, texto eletrônico).

A partir dessa data inicia-se a campanha “O Brasil não pode parar”, com forte alinhamento às falas de Bolsonaro e suas críticas às autoridades estaduais e municipais, reafirmando sua defesa no uso da cloroquina e do isolamento vertical como forma de combater a propagação do vírus. Tais falas contrariavam a orientação do Ministério da Saúde, que se mostrou contrário a essas medidas, tendo em vista que essas medidas foram implementadas em outros países e não foram suficientes para barrar o aumento de pessoas infectadas pela Covid-19.



Para se enfrentar uma doença que se propaga muito rapidamente, e não apenas ataca as pessoas, mas compromete o sistema de saúde e a sociedade como um todo, medidas preventivas individuais não são suficientes, e adicionalmente devem ser adotadas medidas de alcance comunitário. Tais medidas incluem restrições ao funcionamento de escolas, universidades, locais de convívio comunitário, transporte público, além de outros locais onde há aglomeração de pessoas, como eventos sociais e esportivos, teatros, cinemas e estabelecimentos comerciais, que não sejam caracterizados como prestadores de serviços essenciais. A adoção de tais medidas é recomendada com base na experiência dos países afetados pela COVID-19 antes do Brasil, nas recomendações da OMS, e nas evidências disponíveis, até o momento, sobre intervenções efetivas para o controle da doença, a partir de estudos realizados em outras nações. (OLIVEIRA *et al*, 2020, p.5).

No dia 25 de março o Brasil registrava, segundo o Ministério da Saúde, 57 mortes e um total de 2.433 casos confirmados de Coronavírus no país. Estávamos há um mês do primeiro caso confirmado e há 10 dias do registro da primeira morte no Brasil (FERREIRA, 2020). Os números continuam a crescer de forma rápida e, como respostas, o governo federal insiste em uma campanha fracassada de que o Brasil não pode parar.

Como forma de demonstrar que o vírus não representa um grande perigo, o presidente Bolsonaro mais uma vez desafia as recomendações sanitárias e no dia 29 de março resolve fazer um passeio por Ceilândia causando aglomerações por onde passava e quebrando todos os protocolos ao cumprimentar as pessoas com apertos de mãos e abraços. Tais atitudes foram condenadas por diversos representantes do poder público das mais diversas esferas (PRESIDENTE...,2020).

Essa lógica bolsonarista de condução em uma das mais graves crises sanitárias do Brasil já tem causado prejuízos para inúmeras famílias e para o próprio aumento de radicalização das atitudes já polarizadas em nosso país. É preciso que Bolsonaro seja guiado à cadeira da presidência da república e a ocupe da forma que o cargo exige o quanto antes, ou que as instituições se pronunciem de forma a evitar que o mandatário da nação se comporte de forma tão desrespeitosa e amoral para com a sociedade brasileira de forma ampla e diversa.

4. Considerações Finais

O objetivo desse artigo foi fazer uma análise a respeito de algumas falas do presidente Bolsonaro durante o período inicial da pandemia da Covid-19 no Brasil e a correlação com o negacionismo da gravidade dessa doença na sociedade atual. Além disso, buscou-se trazer informações interdisciplinares que nos ajudem a compreender o que a ciência já sabe sobre esse novo vírus e quais as precauções devem ser seguidas a partir de estudos e experiências



testadas em outros países que passaram por essa situação anteriormente ao Brasil.

Vimos também que existe um forte apelo por parte do presidente da república para que as atividades econômicas sejam mantidas de forma a preservar apenas os grupos de risco, ou seja, implementar o isolamento vertical e o uso da cloroquina também em pacientes de casos leves, o que vai contra os protocolos médicos adotados até então. Observamos que existe uma preocupação em manter a economia em pleno funcionamento, mas não há um plano para preservar a saúde de tantos trabalhadores essenciais.

Observamos que as falas empregas por Bolsonaro, alinhadas a uma forte propagação de *Fake News*, ajudam na desinformação da população e prejudicam o trabalho de profissionais da saúde. Esse negacionismo já custou a saída de dois ministros da saúde do governo em meio à pandemia. Bolsonaro age como se suas convicções e opiniões fossem irrefutáveis e qualquer um que não esteja disposto a “andar alinhado”, palavras do próprio presidente, não deve se manter no cargo.

Enquanto isso, o número de famílias chorando a perda de seus entes queridos e o número de trabalhadores que se arriscam em quebrar a quarentena para conseguir o seu sustento apenas aumenta, e a crise na saúde junto com a crise política e econômica vai se agravando diariamente, sem que tenhamos certeza de quando sairemos dessa etapa, tendo em vista que até o momento não foi apresentada nenhuma política para mensurar quando será possível voltarmos às atividades de forma segura. O que se tem até agora são apenas gritos e desbravamentos de alguns que negam não apenas a Covid-19, mas negam a ciência e a própria realidade na qual estão inseridos.

Referências bibliográficas

AAA. Linha do tempo do coronavírus. AAA, 12 maio 2020. Disponível em: <<https://blog.aaainovacao.com.br/linha-do-tempo-do-coronavirus/>>. Acesso em: 12 maio 2020.

BOLSONARO diz que vai retirar da MP artigo que previa 4 meses sem salário. UOL, 23 mar. 2020. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/23/bolsonaro-tira-da-mp-artigo-que-previa-4-meses-sem-salario-para-trabalhador.htm>>. Acesso em: 18 maio 2020.

BOLSONARO, Jair. **38 milhões de autônomos já foram atingidos...** 25 mar. 2020. Twitter: @jairbolsonaro. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1242758000718340097?ref_src=twsrc%5Etfw>. Acesso em: 25 mar. 2020.



BRASIL. **Medida Provisória nº 927, de 22 de março de 2020**. Dispõe sobre as medidas trabalhistas para enfrentamento do estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020, e da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (covid-19), e dá outras providências. Brasília, DF, 2020.

IPSOS. Perigos da percepção 2018. **Ipsos**, 04 jan. 2019. Disponível em: <<https://www.ipsos.com/pt-br/perigos-da-percepcao-2018>>. Acesso em: 20 maio 2020.

ITÁLIA confirma mais 4 mortes por Covid-19; país tem 323 casos. **G1**, 25 fev. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/02/25/mais-paises-europeus-confirmam-casos-de-covid-19.ghtml>>. Acesso em: 13 maio 2020.

JACKSON FILHO, José Marçal et al. A saúde do trabalhador e o enfrentamento da COVID-19. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 45, 2020.

MEDEIROS, Josué. Por que Bolsonaro desafia a pandemia?. **Horizontes ao Sul**, 26 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.horizontesaosul.com/single-post/2020/03/26/POR-QUE-BOLSONARO-DESAFIA-A-PANDEMIA>>. Acesso em: 26 mar. 2020.

OLIVEIRA, Wanderson Kleber et al. Como o Brasil pode deter a Covid-19. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 1-4, 2020.

OPAS. Folha informativa sobre COVID-19. **OPAS**, 12 maio 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875#historico>. Acesso em: 12 maio 2020.

PRESIDENTE Jair Bolsonaro visita localidades em Brasília. **UOL**, 29 mar. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-brasil/2020/03/29/presidente-jair-bolsonaro-visita-localidades-em-brasilia.htm>>. Acesso em: 20 maio 2020.

RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoliy. Cascatas de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter. **Galáxia (São Paulo)**, n. 41, p. 31-47, 2019.

SILVA, Antônio Augusto Moura da. Sobre a possibilidade de interrupção da epidemia pelo coronavírus (COVID-19) com base nas melhores evidências científicas disponíveis. **Revista brasileira de epidemiologia**, v. 23, 2020.

UNIVERSITY JOHNS HOPKINS. COVID-19 Dashboard



by the Center for Systems Science and Engineering (CSSE) at Johns Hopkins University (JHU). **Johns Hopkins - University & Medicine**, 12 maio 2020. Disponível em: <<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>>. Acesso em: 12 maio 2020.

VELHO, Diego Ricardo de Assunção. **O “gigante” acordou?** As manifestações de junho de 2013 no Brasil. Rio de Janeiro: Multifoco, 2018.

WE ARE SOCIAL. 3.8 billion people use social media. **We are social**, 19 maio 2020. Disponível em: <https://wearesocial.com/blog/2020/01/digital-2020-3-8-billion-people-use-social-media>. Acesso em: 19 maio 2020.

FERREIRA, Afonso. Brasil tem 57 mortes e 2433 casos confirmados de Covid-19, diz Ministério da Saúde. **G1**, 25 mar. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/25/brasil-tem-57-mortes-e-2433-casos-confirmados-de-covid-19-diz-ministerio-da-saude.ghtml>>. Acesso em: 12 maio 2020.

Como citar este artigo:

VELHO, Diego Ricardo de Assunção. Análise do discurso negacionista no combate a COVID-19 no Brasil. **Áskesis**, São Carlos - SP, v. 10, n.1, p. 275-287, jan./jun. 2021.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/10121.484>

Data de submissão do artigo: 09/06/2020

Data da decisão editorial: 23/12/2021